



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NATANAEL PEREIRA BARROS

(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR–CEFIS–UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita: Natanael Pereira Barros e Hallends Jonhson Almeida Gardel.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiárido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-974

Nome do entrevistado: Natanael Pereira Barros

Local da entrevista: Residência do entrevistado na cidade de Petrolina (PE)

Entrevistador: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Data da entrevista: 30/05/2022

Transcrição: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Copidesque: Christiane Garcia Macedo e Hallends Jonhson Almeida Gardel

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 52 minutos e 58 segundos.

Páginas Digitadas: 15

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: BARROS, Natanael Pereira. Entrevista concedida por Natanael Pereira Barros ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores: Hallends Jonhson Almeida Gardel. UNIVASF, Petrolina (PE), 30 mai. 2022, 18 p.

SUMÁRIO

Apresentação do entrevistado; História com o esporte; Fundação da Associação Petrolinense de Atletismo Petrolina; Contexto do esporte na cidade na época da fundação da APA; Principais apoio, desafios e dificuldades para a fundação da APA; Certificação da APA e adequação à Lei de Incentivo ao Esporte; Primeira diretoria da APA; Locais onde ocorreram os primeiros treinos; Primeiros atletas da APA; Primeiras conquistas da APA; Principais mudanças na APA da criação até os dias atuais; Quantidade de atletas e alunos que a APA possui atualmente; Principais conquistas da APA; Atletas mais vitoriosos da APA; Histórias mais marcantes de atletas; Rotinas de treinamento; Professores e modalidades; Principais apoios e dificuldades atuais da APA; Principais dificuldades que a APA enfrenta hoje; Negociações sobre a construção da pista de atletismo oficial da APA; Políticas públicas voltadas para o esporte; Posição atual do principais atletas no ranking nacional; Colocação da APA no cenário nacional; Significado da APA para o entrevistado e contribuição na sua vida pessoal e profissional; Considerações finais.

Petrolina (PE), 30 de maio de 2022. Entrevista com Natanael Pereira Barros (N.B.) a cargo do pesquisador Hallends Jonhson Almeida Gardel (H.G.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

H.G. – Boa tarde, estamos aqui com o Professor Natanael Barros, atual diretor executivo da APA–Petrolina, queria inicialmente agradecer a sua disponibilidade de tempo, de doar seu tempo para contribuir com o nosso trabalho, que é de tentar alavancar e mostrar como está o esporte na região do Vale do São Francisco e circunvizinhança, através do trabalho da APA, de sua fundação, evolução, como a APA se encontra hoje, pra que sirva de legado para as próximas gerações, atletas, professores, parceiros, patrocinadores, bem como para que toda população saiba do nosso acervo, através do resgate da memória oral, da compilação de documentos, todos relativos a APA–Petrolina, desde a sua criação até os dias atuais.

H.G. – Professor, o senhor poderia se apresentar inicialmente?

N.B. – Boa tarde, obrigado pelo convite de estar participando, é um prazer enorme para a gente, que faz parte da APA–Petrolina, estar contribuindo para este projeto de pesquisa das práticas corporais e história oral no semiárido nordestino, em específico na nossa região do Vale do São Francisco. Meu nome é Natanael Pereira Barros, sou professor de Educação Física e durante dois mandatos fui presidente da APA–Petrolina, recebi o convite para ser o presidente da Associação, na época o nome da associação se chamava Associação de Desenvolvimento Desportivo Cultural e Educacional do São Francisco, e quando eu assumi a presidência da APA, em 2013, naquele momento, ainda era uma instituição que legalmente estava engatinhando dentro do processo de vinculação às confederações, federações ao comitê paralímpico brasileiro e, a partir daquele momento a gente trabalhou para deixar a instituição o mais ajustada possível dentro da legislação desportiva e que a gente também pudesse competir com o nome da APA–Petrolina, até aquele momento os nossos atletas se filiavam aos clubes para poder participar das competições, e aí foi o momento em que a gente passou a entender que era o momento de termos nosso clube, de apresentarmos a nossa cidade, a nossa região, então foi a partir desse momento que a gente pegou os documentos da instituição, regularizamos esses documentos da instituição e iniciamos processos de filiação, tanto à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) quanto ao Comitê Paralímpico

Natanael Pereira Barros

Brasileiro (CPB), e a partir daí os nossos atletas começaram a participar de competições oficiais, levando o nome da APA–Petrolina.

H.G. – Qual a sua história com o esporte?

N.B. – Eu iniciei minha vida esportiva no curso técnico em Educação Física, aqui em Petrolina, acredito que um dos poucos cursos técnicos do Brasil. Nos anos 90 existia aqui na região, no colégio Otacílio Nunes, o chamado curso técnico em Educação Física, por não se ter um curso superior na região, era uma oportunidade que se tinha, tanto de atender a demanda que existia na região e também era um curso de formação profissional, então era o curso de educação física que o magistério era de pedagogia para o nível Médio naquela época, foi um curso que atendeu essas demandas e foram formadas, salvo engano, sete turmas de educação física, e eu fiz parte da penúltima turma de formação e já ingressei na área de educação física muito jovem. Meu ensino médio foi em educação física e alguns anos depois foi quando eu ingressei na universidade e pude fazer um curso de graduação e posteriormente também a pós-graduação em educação física, na Universidade Federal do Vale do São Francisco. Durante esse período que o curso técnico em Educação Física existiu na cidade de Petrolina, existia um projeto chamado “Paraesporte”, voltado para pessoas com deficiência e eu iniciei nesse local, no centro de esporte, conduzido pela professora Edileuza Alencar e Tereza Neuma, e após a conclusão do curso técnico de educação física eu fui contratado para atuar como professor do Estado do Pernambuco. Fiquei trabalhando no Projeto Paraesporte de Petrolina e desde o início do curso técnico, nos anos 2000, já iniciei trabalhando com jogos para-esportivos de Pernambuco, onde tive a oportunidade de coordenar os jogos para-esportivos de Pernambuco por um pouco mais de 6 anos aqui na região e quando chegou em 2013 foi quando eu iniciei a minha atividade propriamente dita na administração, com a presidência da APA–Petrolina, e a partir desse momento de gestão mais qualificada foi que a gente conseguiu reorganizar e reestruturar o clube esportivo e me direcionei, a partir de então, apenas para as atividades administrativas, os outros professores da APA ficaram mais voltados para a parte técnica, fui reeleito, e na reeleição a gente alterou o estatuto do clube, que antes era de três anos, podendo uma única recondução, mudamos o estatuto para quatro anos com uma única recondução. Recentemente nós reformamos este estatuto e colocamos dentro da legislação vigente, essa nova legislação nos deu a garantia de poder solicitar a certificação do Governo Federal, que é uma certificação que apenas as entidades que cumprem com todos os requisitos de gestão, boa governança e transparência

Natanael Pereira Barros

social, que estão estabelecidos na Lei Pelé, podem atender e a APA–Petrolina, num raio de 400 km, é uma das poucas instituições que possuem essa certificação. A partir desses anos de gestão e de qualificação a gente conseguiu dar um salto muito grande de qualidade, tanto para receber esses atletas, quanto do ponto de vista de gestão, para que a gente pudesse dar condições necessárias, para que esses atletas pudessem ir para as competições, e hoje a APA tem se tornado essa entidade de grande impacto social.

H.G. – Quando e porque a APA foi fundada?

N.B. – A fundação da APA está relacionada diretamente com o Professor Marciano Barros¹, que desenvolveu um trabalho na região com o atletismo, teve atletas participando de competições brasileiras e ganhando medalhas nessas competições, e o Professor Marciano tinha que filiar esses atletas a clubes da região metropolitana do Recife, sentindo essa necessidade de fundar um clube, foi aí que o Professor Marciano juntou-se a outros professores de educação física e registrou a APA–Petrolina, Associação Petrolinense de Atletismo.

H.G. – Recorda a data que oficializou a APA, que já era chamada anteriormente de APA?

N.B. – Em 2003 foi esse primeiro momento de reunião, de organização, e em 2006 ela surge legalmente, com CNPJ, quando ela nasce pra valer, mas todo processo de organização e estruturação foi no ano de 2003.

H.G. – Lembra qual era o contexto do esporte na cidade, na época da fundação da APA?

N.B. – Petrolina sempre teve destaque nos esportes, sempre foi uma cidade bem envolvida, no entanto essas disputas ficavam muito regionalizadas, havia uma disputa muito interna, entre as escolas, no entanto essa visibilidade fora, nacional e internacional, não era tão forte e naquele momento era momento de um esporte competitivo, mas de disputas muito localizadas, mas a partir do surgimento da APA e de sua modernização isso deu um salto de qualidade, antes atletas daqui saiam para se filiar aos clubes de fora para poder ter a oportunidade de participar de competições, hoje esse movimento é ao contrário, atletas de

¹ Marciano Pereira Barros.

fora vêm se filiar a APA–Petrolina, hoje além de atender os atletas da nossa cidade, da nossa região, recebemos muitos atletas do entorno.

H.G. – Quais foram os principais apoios, desafios e dificuldades para a fundação da APA?

N.B. – A maior dificuldade que eu acho foi a dificuldade de conhecimento, a dificuldade de entender o processo para abrir uma empresa, a maioria dos profissionais envolvidos tem muita vivência prática e pouca vivência de gestão, então isso era uma das dificuldades, como fundar, quais os passos, de que forma a gente tem que agir, porque quando a gente vai para a formação de uma entidade a gente tá falando de uma empresa, de um clube que está se formando, tem uma finalidade sem fins lucrativos, onde todos se reúnem num mesmo objetivo, que é o desenvolvimento do esporte, mas se tinha pouco conhecimento de gestão, foi somente a partir do momento que a gente fala... e foi uma momento de ruptura, foi quando a gente entendeu que a gestão tem que caminhar junto com o departamento esportivo, mas cada um desenvolvendo suas ações, se cada um não ocupar o seu espaço, o esporte não consegue evoluir, e a gente percebe isso com as outras modalidades que ficaram para trás, se analisarmos um recorte das outras modalidades, nenhuma chegou próximo do que a APA tem conquistado nos últimos anos, a partir dessa organização, dessa institucionalização, dessa busca de parcerias, dessa busca e uma gestão transparência, dessa gestão com propostas ativas, com formação e qualificação de alta qualidade, profissionais que estão em busca dessa formação, então foi a partir daí que houve esse salto de qualidade, a partir desse direcionamento de funções, onde cada um ocupa o seu espaço e com isso a entidade conseguiu evoluir e conseguiu os resultados que vem conquistado nos últimos anos. Os apoios são os apoios de amigos, de pessoas próximas, pessoas que sensibilizavam com a causa, que apoiavam, de amigos que sempre gostaram e incentivaram, que são os professores, os técnicos, pessoas que abrem mão dos seus trabalhos, de suas atividades para estarem buscando dar uma qualidade maior para o que eles acreditam, o fomento, a formação de atletas e para-atletas.

H.G. – Essa certificação que deu essa alavancada através da organização feita na parte administrativa, tem outra entidade na região do Vale do São Francisco que conseguiu essa adequação para ter esses benefícios, através da Lei Pelé?

N.B. – Que a gente tenha conhecimento, na nossa região não há nenhuma outra, há uma dificuldade muito grande, principalmente no campo da gestão, são inúmeros documentos e exigências que precisam ser atendidas, então no estatuto tem que atender todos os critérios de alternância de poder, de não ter parentes de primeiro grau na linha de sucessão, de ter toda a divisão de presidente, tesoureiro, secretário, com suas funções bem estabelecidas, de ter todo controle contábil, controle fiscal estabelecido, todos os seus documentos têm que estar postados e divulgados no site de transparência, todos os documentos da APA hoje estão lá, são divulgados anualmente através de balanço patrimonial, de balancete financeiro, de relatórios de gestão com tudo que foi desenvolvido ao longo dos anos, tem que ter participação de atletas na diretoria da entidade, a frente das decisões de ações do clube, o estatuto do clube tem que trazer que qualquer irregularidade de algum dos seus diretores, que sejam por essa ação, eles respondem em caso de improbidade administrativa, então essa situação de cumprimento de todas essas exigências fez com que a APA se qualificasse também para a captação de recursos, e a gente tem consciência que não é uma tarefa fácil, a maioria dos clubes que nós temos hoje na região têm essa dificuldade, as vezes são profissionais que estão agindo sozinho e não conseguem dar conta de tantas ações e documentos. Felizmente a APA conseguiu desenvolver isso porque tem um grupo muito envolvido e muito comprometido com a temática do atletismo, a gente conseguiu dividir bem essas funções, cada um assumiu seu papel de forma responsável e isso deu esse salto de qualidade no desenvolvimento da modalidade, a lei Pelé foi uma das conquistas recentes, conseguimos a primeira em 2020 e agora já conseguimos renovar a certificação no final de 2021, e isso tem dado essa qualidade muito grande à nossa gestão. No Brasil, apenas três entidades de atletismo possuem essa certificação, no país, até a data da nossa certificação, apenas 172 clubes de todas as áreas possuíam a certificação, em Pernambuco, no momento da certificação, apenas a APA e mais um clube do agreste e outro do Recife que possuíam a certificação, que é um selo de qualidade de gestão e de governança, isso tem ajudado bastante a APA–Petrolina.

H.G. – Lembra qual a composição da primeira diretoria da APA–Petrolina?

N.B. – A primeira composição dentro dessa sequência foi Vilas Boas², presidente, Ronaldo Adriano, eu tenho o primeiro registro, a gente tem esses primeiros documentos de fundação da APA, e aí eu posso te passar, lembrando que no início houve uma conversa entre Ronilson³ e Marciano para essa fundação, fizeram uma reunião, mas não chegaram a registrar, foi quando a gente assumiu a ADECESF, Associação de Desenvolvimento Esportivo e Cultural e Educacional do São Francisco, que surgiu em 2006, que só tinha eu na diretoria, relativo ao atletismo, se não me engano, mas vou pegar esses documentos e te apresento para você ter os registros da ata de fundação, junto com o primeiro estatuto, a gente tem esses documentos.

H.G. – Recorda em quais locais aconteceram os primeiros treinos?

N.B. – Eram realizados cada um em sua localidade, Marciano no Joaquim André Cavalcante⁴, Professor Augusto⁵ no Henrique Leite⁶, a gente não tinha um local da APA–Petrolina, tínhamos um local das escolas, eram todos professores de escolas, então cada um treinava na sua localidade, não tinha um local da sede de treino da APA.

H.G. – Quais foram os primeiros colaboradores e parceiros da APA, além da filantropia e do patrocínio informal?

N.B. – Essa informação do início, Marciano vai conseguir te responder com mais propriedade, que teve com os primeiros atletas, como André Luiz⁷ que foi um dos primeiros atletas da APA a ter resultado nacional, que foi Vice–Campeão Brasileiro escolar, Marciano vai conseguir te responder com mais propriedade.

H.G. – Lembra quais foram os primeiros atletas/alunos da APA?

² Luiz Martins Alves Vilas Boas.

³ Ronilson Benevides.

⁴ Escola Joaquim André Cavalcante.

⁵ José Augusto Soares.

⁶ Bairro Henrique Leite.

⁷ André Luiz Pereira.

N.B. – Sim. Um dos primeiros atletas a ganhar destaque nacional foi o André Luiz, atleta da escola Joaquim André Cavalcante, do seguimento olímpico, o Edson Amaro⁸ também é um dos atletas bem antigos, está desde a época da fundação também, tem bastante tempo. Entre os paratletas, que foi um divisor de águas dentro desse processo, foi a Fernanda Iara⁹, que era aluna do Professor Marciano no Joaquim André, que devido a sua deficiência posteriormente a gente inseriu no segmento paralímpico, podemos dizer que foi a primeira atleta a ser introduzida no segmento paralímpico da APA–Petrolina, e depois veio o Josoaldo Coelho¹⁰, foram os primeiros atletas da APA–Petrolina que eu tenho lembrança.

H.G. – Quais foram as primeiras conquistas que começaram a dar um nome e mostrar o trabalho da APA?

N.B. – As primeiras conquistas vieram com o Edson Amaro, que foi um dos atletas que deu um grande nome, nacionalmente, pra gente, os atletas de fundo muito forte, o paralímpico veio com o Josoaldo, e Francisco Daniel¹¹, que foi recordista e campeão parapanamericano em 2011, ele deu um salto de qualidade muito grande para a gente, e o Justino Pedro, foram atletas que deram um nome muito grande pra APA um pouco lá atrás.

H.G. – Quais foram as principais mudanças da APA–Petrolina, da sua criação até os dias atuais?

N.B. – A organização institucional, esse foi o grande marco nesse processo de modernização da instituição, a gente percebeu que tínhamos que nos reestruturarmos, que a gente devia se reorganizar, se não continuaríamos com os jogos escolares, com as disputas regionais, e a gente vislumbrou que era possível avançar, mas só conseguiríamos avançar se conseguíssemos se reorganizar e isso foi feito, essa distribuição foi bem dividida, com cada um ocupando seus espaços, e isso é nítido hoje com esses resultados que nós temos alcançado.

H.G. – Quantos atletas/alunos a APA possui atualmente, em média?

⁸ Edson Amaro dos Santos.

⁹ Fernanda Iara da Silva.

¹⁰ Josoaldo Coelho da Silva.

¹¹ Francisco Daniel Coelho da Silva.

N.B. – A gente vai iniciar em Junho a matrícula das crianças do projeto de escolinhas, atualmente a gente tem um projeto de escolinhas atendendo no Sesi, o projeto de alto rendimento hoje que temos andando hoje no Governo Federal atende a 120 atletas de alto rendimento e distribuído entre escolinha, alto rendimento e participação hoje gira em torno de 400 atletas e atendimentos no total, atletas e paratletas.

H.G. – Na sua visão, quais foram as principais conquistas da APA, da sua fundação até hoje?

N.B. – A gente tem as conquistas recentes, a participação da Samira Brito nos jogos paralímpicos de Tóquio, das duas finais paralímpicas, foi uma das grandes conquistas, temos o vice campeonato de Edson Amaro, em 2017, na maratona internacional de São Paulo, a terceira colocação na maratona de Santo de Pádova, na Itália, o recorde e a conquista do título da maratona do Rio de Janeiro por Justino Pedro, junto com Edson Amaro em segundo lugar, fazendo uma dobradinha, um feito histórico, eu acredito que para as maratonas do país, e recente a conquista do Campeonato Brasileiro Paralímpico de Atletismo, onde a APA, um clube da região Norte–Nordeste, conquistou pela primeira vez, que foi em São Paulo, agora no mês de maio. Temos, também, o Francisco Daniel, que em 2011 conquistou o título e até hoje tem o recorde dos 1.500m dos jogos parapanamericanos de Guadalajara, no México, esses eu destaco como os principais, mas temos as medalhas do Josoaldo Coelho e do Francisco Daniel, que por duas vezes, no Grand Prix de Berlim, na Alemanha, temos a medalha do Edson Amaro no troféu Brasil, principal competição do país, temos as conquistas das atletas da categoria de base do Henrique Pereira, com a seleção brasileira, no Sulamericano Sub–20, são as conquistas que colocaram a APA no cenário nacional e internacional.

H.G. – Quais foram, na sua concepção, os atletas mais vitoriosos, que passaram pela APA ou que ainda estão?

N.B. – Edson Amaro é um dos nomes que temos hoje como garantir, que por muitos anos tem construído uma bela história na APA–Petrolina, o Justino Pedro teve grandes resultados nacionais, já venceu muitas corridas de rua no Brasil, é um nome carimbado entre os principais atletas corredores de rua do país, no segmento paralímpico, o Francisco Daniel, por ter sido um dos primeiros atletas da APA–Petrolina, foi heptacampeão dos 1.500m

consecutivos, teve essa hegemonia durante sete anos no circuito paralímpico brasileiro, o Josualdo Coelho também teve uma história muito bonita conosco, no início de 2011, 2012 e 2013, por muitos anos líder dos 5.000m para deficientes visuais, esses foram os atletas que tiveram um destaque maior dentro da APA–Petrolina, e mais recentemente a gente tem a Samira Brito, pela representatividade que ela teve nos jogos paralímpicos de Tóquio.

H.G. – Quais foram as histórias de atletas/alunos mais marcantes pra você, durante seu tempo na APA, que mais marcou e que você recorda até hoje?

N.B. – A gente tem algumas histórias, a APA, pelo número de alunos que a APA tem atendido nos últimos anos, vivenciamos histórias fantásticas, posso falar aqui da história do Josualdo Coelho, que foi atleta da gente quando enxergava, com 21 anos de idade salvo engano, perde a visão e fica cego, foi aí que a gente deu a oportunidade para ele, dizendo que existia o movimento paralímpico, e ainda estávamos iniciando essa história, e três meses após Josualdo perder a visão já estava competindo e ganhando prova, e ele traz um relato muito bonito da história dele que, por falta de conhecimento do oftalmologista, disse para ele que não podia mais participar de atletismo por ter perdido a visão, e ele conta isso nos seus relatos, mas três meses após a gente deu uma pesquisada, vimos que ele tinha a possibilidade de fazer a corrida de rua, conseguimos um guia e até hoje ele continua no esporte paralímpico, ganhando medalhas e sendo um exemplo de atleta, de pai, hoje ele constituiu sua família, essa é uma história que me marcou muito. Temos a história do Francisco Daniel, que a mãe relata que até os sete ou oito anos de idade, não andava direito e hoje ela vê o filho dela correr pelo mundo, e a história do Justino Pedro, que teve suas dificuldades ao longo da vida, teve algumas adversidades, principalmente por questão da bebida, do álcool, e o esporte conseguiu transformar a vida dele, são três histórias de vida que impactam bastante.

H.G. – Como são organizadas atualmente as rotinas de treinamento, isso se modificou ao longo do tempo?

N.B. – Acontece diariamente, cada professor organiza o treino dos seus alunos a partir dos princípios do treinamento, no início do ano a gente faz todo um trabalho de base, onde a gente reúne todos os atletas para fazer um trabalho geral, de base, numa carga horária de

uma ou duas horas por dia, e depois desse trabalho de base, de trinta dias, eles são direcionados para a parte específica de cada treino, o fundo vai fazer trabalho específico, os velocistas e atletas de salto, de arremessos, o decatlo da mesma forma, e cada professor organiza o treinamento de acordo com o calendário de competições, os professores têm autonomia na organização desse macrociclo, microciclo e mesociclo, e faz a distribuição da carga de treinamento, que nesses anos tem se modificado porque na ciência do esporte sempre novos estudos vão chegando, mais os profissionais têm autonomia nessa decisão de treinamento do atleta. No meu caso, cuido apenas da parte da gestão, os professores tomam conta da parte técnica, mas a gente tem orientado que eles façam curso de formação e estejam se atualizando porque no mundo do esporte, da medicina esportiva, do conhecimento do treinamento esportivo sempre tem atualização.

H.G. – Quem são os professores/treinadores e suas respectivas modalidades hoje?

N.B. – Hoje a gente tem o Professor Marciano com todo o trabalho de fundo e meio fundo, o Professor Domingos¹² responsável pelas provas de velocidade e trabalhos de base, que é também o presidente, acumula essa função, Professor Givanildo¹³ faz um trabalho de velocidade com atletas e paratletas, na iniciação tem Carina¹⁴ com as escolinhas esportivas e temos outros professores que não estão diretamente conosco no Sesi, mas desenvolvem suas atividades, como o Professor Adriano¹⁵ e Professor Dejaci¹⁶, no N-10, tem um Professor em Ouricuri com trabalho de base, que damos uma estrutura enquanto clube, e agora vamos contratar mais dois professores para as escolinhas esportivas, que ainda estamos analisando os currículos.

H.G. – Quais os principais apoios e dificuldades atualmente na APA?

N.B. – Hoje os principais apoios são da Bayer do Brasil, como patrocinadora master do projeto, acabamos de assinar um termo de compromisso com a Prefeitura de Petrolina, a qual tem dado um apoio pra gente, isso foi recente, estamos filiados ao Comitê Brasileiro de

¹² Domingos Rodrigues Nascimento.

¹³ Givanildo Marcos.

¹⁴ Carina Cleures.

¹⁵ Adriano Cunha Dias dos Santos.

¹⁶ Dejaci Pereira.

Clubes, que é a entidade que reúne os principais clubes formadores do Brasil, e a APA–Petrolina tem essa filiação, hoje, no CBC, que dá um aporte e um suporte pra gente, tanto para compra de materiais, como para as passagens para as competições do segmento olímpico, temos algumas outras empresas como a ARA Agrícola, River Shopping, Tintas Iquine, Vale do Agro, que chegaram recentemente para a gente, após esses resultados que a instituição vem alcançando para poder fazer um incentivo, mesmo que pequeno, mas que tem apoiado a nossa instituição na manutenção do dia a dia, além disso temos algumas parcerias institucionais que nos dão um apoio muito grande, nós temos Termo de Cooperação Técnica–científica formalizado com o Instituto Federal do Vale do São Francisco e com o Hospital Universitário do Vale do São Francisco, a gente tem um convênio de cooperação mútua, onde o Hospital nos dá um apoio na relação médico–hospitalar e temos recebido alguns pacientes que por algum trauma ficaram com alguma sequela, e o apoio fundamental do Sesi Petrolina, onde é nossa casa, onde treinamos e rebemos nossos atletas, onde tem a pista de atletismo, esses são os parceiros institucionais.

H.G. – E as principais dificuldades que a APA enfrenta hoje?

N.B. – Temos como dificuldade uma pista oficial que a gente não, por tudo que a gente conquistou na região necessitamos termos uma pista para que nossos atletas fiquem aqui competindo e desenvolvendo aqui na região, porque pra gente ir para uma competição temos que sair da nossa região, só vamos encontrar uma pista de atletismo nas capitais do nordeste, ou na região sul e sudeste, essa é uma das dificuldades porque temos que levar sempre uma equipe grande e conduzir esses atletas não é uma tarefa fácil, é muito difícil. Outra dificuldade que temos é conscientizar o empresário local para que estejam conosco fomentando e incentivando a instituição, principalmente pela lei de incentivo ao esporte, onde as empresas podem aportar recursos sem retirar dos seus cofres, só tirariam do imposto que ia para o governo, direcionando esse imposto para a APA–Petrolina, na região não temos entidade hoje com esse tipo de aporte, já conseguimos apenas com empresas multinacionais, mas com empresas regionais temos um pouco de dificuldade.

H.G. – Até que ponto a falta dessa pista adequada oficial atrapalha a formação e o aperfeiçoamento dos atletas da APA?

N.B. – Nesse caso a gente deixa de fazer algumas competições oficiais e deixamos de ter alguns registros de marcas, sempre viajar com frequência é uma tarefa difícil porque o atleta tem um desgaste físico e emocional, e nem sempre ele vai chegar na competição dentro da melhor condição. Se tivéssemos essa pista hoje aqui, possivelmente alguns resultados mais expressivos a gente poderia conseguir porque esses atletas estariam em casa, com seus familiares, e próximos da pista, se pudéssemos treinar numa pista oficial, participar de competições, trazer eventos nacionais e internacionais para aqui, isso poderia melhorar algumas marcas desses atletas e com isso a gente teria maior número de atletas na seleção brasileira com marcas expressivas que possam futuramente estar em jogos olímpicos paralímpicos.

H.G. – No lançamento dos uniformes da APA, no ano de 2021, o prefeito da cidade de Petrolina mostrou uma grande admiração e anunciou de forma surpreendente o apoio dele em relação à local e ao patrocínio para pagar a construção de uma pista oficial, na ocasião o presidente da CBAAt, professor Wlamir¹⁷, anunciou que quando a pista ficasse pronta iria sediar na cidade de Petrolina um campeonato sulamericano que iria alavancar muito o esporte na região, iria ser um acontecimento histórico. Essa situação avançou, já tem um local, já está em andamento esse orçamento, essa captação de recurso para esse fim, como está hoje essa negociação?

N.B. – A gente tem conversado com a administração pública municipal, o local que foi indicado foi o antigo parque de eventos do São João aqui de Petrolina, que fica próximo ao aeroporto, no entanto, houve uma mudança de gestão, assumiu um novo prefeito e essas conversas estão sendo retomadas agora, segundo informações, está sendo analisado pelo procuradoria do município, e após essa análise será emitido um parecer para a Câmara Legislativa, para aprovação, ou não, estamos aguardando esse período de análise da procuradoria, mas temos conversado e dialogado com o município para esse processo possa andar e quem sabe a gente conseguir aqui para nossa região essa pista oficial.

¹⁷ Wlamir Motta Campos.

H.G. – Na sua visão, o poder público tem dado alguma contribuição, de que forma o poder público está se envolvendo, ou não, na situação da APA, no apoio a APA, você acha satisfatório o apoio que tem hoje do poder público?

N.B. – Hoje as ações da APA–Petrolina só tem ocorrido porque existem algumas políticas públicas muito fortes, uma delas é a lei de incentivo ao esporte, que é uma política pública efetiva, que independente de governos ela vai estar lá e vai continuar e existindo, e essa é hoje a principal fonte de recurso nossa, que é a lei de incentivo ao esporte, essa lei que é sólida, que garante que os clubes possam fazer projetos em busca desses recursos, tem sido fundamental para o andamento dos projetos da APA, de modo geral eu acredito que sim, mas isso também passa pela qualificação da própria da APA–Petrolina nos últimos anos, de ir buscar essas informações, de saber como se escreve projetos, de ir buscar esses recursos junto às empresas, porque não se vai investir num clube que não tenha seriedade, competência, responsabilidade, e a APA tem feito isso nos últimos anos e essas políticas públicas efetivas tem ajudado muito para que a gente continue desenvolvendo essas proposta, a bolsa atleta, que foi uma lei instituída, acredito que em 2006, garante com que o atleta tenha seu bolsa atleta, a lei de incentivo ao esporte, que também foi instituída, se não me engano em 2003, é uma política pública efetiva, que independente dos governos vai continuar existindo, essas ações tem nos fortalecido enquanto clube, acredito que nesse momento é satisfatório.

H.G. – Quais as posições dos principais atletas no ranking nacional hoje?

N.B. – Bastante, a gente tem o Justino Pedro, bem ranqueado, em 2021 finalizou o ano como segundo do ranking nacional de maratonas, Edson Amaro finalizou em quarto na maratona, Wellington Bezerra¹⁸ que é de São Paulo, finalizou em quinto, ou seja, entre os cinco melhores atletas do país, três finalizaram o ranking entre os cinco e são da APA. Temos também no paralímpico um número muito expressivo, temos a Samira Brito, líder do ranking nacional e quarta melhor do ranking mundial paralímpico pela categoria T–36, Janisson de Oliveira, líder do ranking nacional, Sivaldo¹⁹, líder do ranking nacional paralímpico, Gabriel

¹⁸ Wellington Bezerra da Silva.

¹⁹ Sivaldo Santos.

Ferreira, líder do ranking nacional nos 5.000m, Nanilza²⁰, líder do ranking nacional T-45, José Rodrigo²¹, líder do ranking nacional, Felipe Leocádio²², segundo colocado, no seguimento paralímpico são muitos. Nas categorias de base tivemos o Henrique Pereira, entre os três melhores do Brasil, Pietro²³ liderando o ranking brasileiro da categoria sub-16. Temos um número grande de atletas hoje entre os três primeiros do Brasil.

H.G. – A APA hoje, como instituição, comparada a outras instituições a nível nacional, que tem o mesmo objetivo, você considera que a APA se encontra em que colocação?

N.B. – A nível nacional a gente ainda está se posicionando entre as grandes no Olímpico, no Paralímpico a gente já se posicionou e já mostramos todo o nosso potencial com o título nacional no seguimento paralímpico de atletismo, então hoje, sem dúvidas, pelo resultado do último campeonato brasileiro a gente se posicionou muito bem como a melhor equipe de atletismo paralímpico do Brasil. No seguimento olímpico, nas competições entre clube nós estamos se posicionando, nas corridas de rua esse posicionamento está bem consolidado como uma das principais, a maratona do Rio, uma das principais do Brasil, que mostrou esse resultado com a conquista do Justino Pedro e do Edson Amaro como segundo colocado, na São Silvestre, que é a maior corrida de rua do Brasil, o Justino em sétimo e o Wellington Bezerra em sexto, dois atletas entre os dez, numa corrida de altíssimo nível, entre diversos atletas estrangeiros, a gente tem se posicionado bem entre os principais clubes do Brasil.

H.G. – O que a APA–Petrolina significa pra você e qual a contribuição da APA pra sua vida pessoal e profissional?

N.B. – A APA me deu tudo na vida, tudo que eu aprendi de gestão de atletismo, de formação profissional aprendi na APA, mesmo num trabalho desprezioso lá no início, com estágio, e começando a organizar, aos poucos eu fui aprendendo a fazer gestão, a fazer atletismo, aprendendo a desenvolver algumas competências administrativas, sendo um pouco autodidata, buscando fazer cursos, participar de capacitações e todo esse processo me amadureceu muito ao logo dessa vida, posso dizer que tudo que eu aprendi e que conquistei

²⁰ Nanilza dos Santos Silva.

²¹ José Rodrigo Vieira da Silva.

²² Felipe Leocádio Curcino.

²³ Pietro Pereira Silva.

ao longo da vida, mesmo com minha atividade paralela, porque até então na APA era voluntariado, mas tudo que aprendi e que conquistei devo muito a APA, o reconhecimento social que a gente tem, todo um trabalho de altíssimo nível que está sendo desenvolvido, isso foi a APA que me proporcionou, então sou muito grato à APA por tudo isso.

H.G. – Pretende permanecer por muito tempo na APA, tem algum outro plano em sua vida?

N.B. – O que eu pretendo junto da APA é poder transmitir isso pra outras instituições, passar um pouco do conhecimento que a APA me proporcionou enquanto profissional, e eu acredito que transmitir isso para outras instituições e para outros profissionais vai ser um desafio pra gente, porque não é fácil fazer gestão, a gente sabe dessa dificuldade, mas como a APA conseguiu nos proporcionar isso, nada como uma responsabilidade social da APA fazer com que isso chegue a outras instituições e a outros profissionais.

H.G. – Já existe um planejamento para potenciais sucessores para que vocês passem esse “know-how” que a diretoria da APA construiu ao longo de todos esses anos, já existe, uma intenção, uma programação para que isso aconteça?

N.B. – Sim. A gente tem feito junto com alguns profissionais esse passo, agora com a contratação de profissionais para as escolinhas esportivas já é um passo para a formação, no momento a gente tem recebido estagiários de Universidades locais e a gente pretende que logo esses profissionais sejam absorvidos pela APA e pelo mercado, com novos projetos e com isso a gente vá também qualificando essas pessoas para que esse projeto continue, porque ele tem um impacto social na vida dessas crianças e desse jovens muito grande. Acredito que os novos profissionais quando aqui chegarem vão encontrar uma condição um pouco melhor daquela que encontramos lá atrás, porque a gente começou do zero e hoje temos uma robustez nessas ações, os projetos em andamento, uma sede sendo construída, os profissionais vão passar a ter um local para desenvolver as atividades administrativas que até então a gente faz em casa, com os nossos computadores, a ideia é de ir profissionalizando.

H.G. – Gostaria de complementar com mais alguma informação?



N.B. – Gostaria de agradecer a participação, em transmitir um pouco essa história da APA, pra gente é um prazer e estaremos sempre de portas abertas.

H.G. – Muito obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]